

Discurso de Patrono

Alexandre Santos

Meus queridos afilhados, que, já na condição de graduados, hoje nascem para a profissão de letrólogo

Nunca será demais destacar a alegria por ter sido escolhido para apadrinhar a turma que se forma no Curso de Letras, da FOCCA, neste segundo semestre de 2015 - uma condição que, junto com o orgulho, me impõe responsabilidades, pois, na condição de Patrono, preciso dar bons exemplos, apontar rumos edificantes, iluminar caminhos e, de alguma forma, apoiar o crescimento profissional e a realização pessoal de cada um dos meus novos afilhados.

Esta honra talvez decorra da minha antiga relação com a turma, especialmente a partir dos empreendimentos levados adiante, conjuntamente, pela FOCCA, União Brasileira de Escritores e a Câmara Brasileira de Desenvolvimento Cultural, entre os quais, a Festa Literária Internacional do Ipojuca, a Flipo, que, anualmente, realizamos na vila de Porto de Galinhas, no litoral sul de Pernambuco.

Junto com a conclusão de mais uma etapa nas nossas vidas, a Colação do Grau indica o início de uma outra jornada. Uma jornada bem diferente daquela que encerra tempos eternizados nas amizades sinceras, nas fotografias que ganham mais valor com o passar dos anos e os lugares mais especiais da memória que carregamos para sempre. Para a maioria dos formandos, hoje começa uma etapa de maiores responsabilidades e maiores expectativas, especialmente porque com a nova graduação acadêmica abrem-se outras oportunidades profissionais.

Vai, então, a primeira das poucas observações que o Patrono deseja destacar para os seus afilhados: Qualquer que seja ela, independente de como e onde seja exercida, a profissão não é um fim em si mesma, sendo apenas um meio que as pessoas dispõem, não só para cumprir uma realização pessoal, mas, sobretudo, para serem úteis à sociedade, atendendo às necessidades e aos reclamos dela (da sociedade).

Com efeito, o reconhecimento público, incluindo a remuneração advinda do trabalho, é consequência da utilidade social daquilo que fazemos. Se aquilo que fazemos não for útil para a sociedade, não há porque esperar retorno. Talvez seja esta a razão de algumas atividades passarem ao largo das atenções da sociedade. Naturalmente, devemos lembrar, até para não alimentar falsas expectativas, a pertinência social de uma atividade não garante, automaticamente, homenagens e bons salários aos profissionais que a exercem, sendo, no entanto, um elemento essencial - uma condição necessária, sem ser suficiente - para o reconhecimento social e, nesta esteira, para a realização profissional. Temos, portanto, de fazer da nossa atividade a solução de alguma carência da sociedade, temos de cuidar para que a utilidade do nosso trabalho tenha correspondência com necessidade das pessoas. Este é o segredo das carreiras de sucesso. Nesta perspectiva, quanto mais útil for o trabalho, maior será a probabilidade de que ele (o trabalho) corresponda a reconhecimentos e, quem sabe, em caminho que trilha estrada paralela, a maiores remunerações e rendimentos.

Tenho a plena certeza de que, neste momento, já sabendo que muito em breve os formandos de hoje ocuparão pontos de destaque no mundo profissional, a FOCCA - cuja ação prima valores e compromissos elevados, como Ética, Qualidade, Transparência, Comprometimento, Competência e Justiça Social tendo como objetivo último a produção e a difusão do conhecimento para fomentar riqueza para a sociedade - (a FOCCA) cola o grau de mais uma turma consciente dos deveres que a profissão escolhida tem para com o País, para com o próximo e para consigo própria, em decisão cujos reflexos se projetam e devem pautar o comportamento profissional, social e cívico de cada um por toda a vida.

A Colação de Grau costuma ser um momento de inflexão. Depois de longos anos nos bancos escolares, convivendo com a turma no dia a dia, compartilhando alegrias e angústias com os colegas e recorrendo aos professores e à escolaridade para dirimir dúvidas, tendo um calendário e uma agenda definida por outros, chegou o momento para o vôo solto, do desenlace, da desencubação, da desamamentação. Agora é com cada um. A FOCCA fez a parte dela, oferecendo uma matriz curricular similar àquela praticada pelas melhores escolas do País, mantendo corpo administrativo dedicado e motivado e um corpo docente da melhor qualidade. E agora? Agora, uns vão preferir trilhar o caminho dos lobos

solitários, enfrentando sozinhos as 'pedras no caminho' de que nos fala Drumond. Esses são os que vão ter mais dificuldades para desbravar as dificuldades. Outros vão enfrentar as 'pedras no caminho' na companhia de parceiros, compartilhando desafios e resultados com os amigos que integram círculos de relacionamentos progressivamente mais densos e numerosos. Estes são os que terão mais chances de sucesso.

E, aí, vai outra das observações do Patrono: por maior que seja o gosto pela aventura e por mais tentadora que seja a notícia de tesouros no fim da trilha, pensem muito antes de enveredá-las desacompanhados, antes de singrar o mar revolto em jornadas solitárias. Não façam isso. Nunca. Sempre que possível, mantenham os vínculos, criem e frequentem as associações e os conselhos. Compartilhem informações, aprendam a ver no colega, um parceiro e não um concorrente. Cultivem o sorriso, o beijo, o abraço. A sinergia permitida aos conjuntos altera a lógica cartesiana e faz com que a soma de dois com dois seja maior do que quatro.

De qualquer forma, saímos hoje do mundo acadêmico e ingressamos num outro universo. E é bom estar preparado, pois a vida profissional que vem por aí vai exigir mais de cada um. Vai exigir, não apenas a aplicação das coisas ensinadas nas 3.800 horas do curso, mas, também, aquelas aprendidas e desenvolvidas no convívio de uns com os outros, com os mestres e amigos. Vai exigir o aprendizado de outras matérias; vai exigir o cultivo e o desenvolvimento de bens relacionais a partir das novas e velhas amizades; vai exigir a articulação de competências multidisciplinares; vai exigir a adaptação da experiência passada aos conhecimentos contemporâneos para a construção do futuro.

No campo profissional, não bastará o conhecimento assimilado nas aulas de História da Arte, de Fonética, da Fonologia, de Teoria Literária, Morfologia, Etimologia, Vocabulário, Linguística, Morfossintaxe, Semântica, Estilística, Psicologia da Aprendizagem, Didática, Literatura Comparada, Estrutura e Funcionamento do Ensino. Na realidade, nestes tempos de evolução rápida e acelerada, junto com conhecimentos específicos, a graduação também deixou claro a necessidade do aperfeiçoamento contínuo. Assim, no momento oportuno, junto com as incursões no mercado de trabalho e a ampliação dos círculos de

relacionamento, serão necessários cursos de pós graduação para reforçar o arsenal acadêmico à disposição do exercício profissional.

Na visada recíproca, isso diz que jamais será necessário desviar de um desafio profissional aparentemente trabalhoso ou complicado, pois sempre haverá à nossa disposição, direta ou indiretamente, o conhecimento capaz de nos habilitar aos encargos. Velho adágio diz que o remorso de não ter tentado é pior do que a frustração por não ter conseguido o intento. O mundo profissional está bem aí, à nossa frente, cheio de oportunidades, esperando apenas o nosso mergulho profundo.

Naturalmente, embora muito importante, enfrentar os desafios profissionais e buscar o sucesso material na carreira é pouco diante do desafio colocado aos letrólogos, que, como todos os outros profissionais, também têm um dever de cidadania para com o País, inclusive e especialmente para com o aperfeiçoamento e preservação da democracia.

Aliás, neste quesito, os profissionais das Letras ocupam um papel chave, pois têm como objeto de trabalho a palavra - uma ferramenta cujo controle configura realidades, moldando a opinião pública segundo o querer de quem a usa, num processo que pode redundar no controle político e econômico da sociedade, comprometendo a democracia e eventuais avanços sociais conquistados.

Nunca é demais lembrar que, como a comunicação de massa pode exercer papel decisivo na definição da 'verdade' e, portanto, na definição do Bem e do Mal, a palavra e a linguagem têm grande destaque no eixo que move a eterna luta pelo poder - uma condição que amplia, ainda mais, a importância da profissão dos letrólogos.

Quem tiver alguma dúvida sobre isto, que olhe em volta e leia os jornais, ouça os rádios, assista aos programas de televisão ou navegue pelas mídias sociais, sentindo as rédeas da matrix que condiciona o pensamento e o comportamento das pessoas.

Assim, a profissão do letrólogo constitui uma trincheira fundamental para a defesa da palavra e, em certo sentido, para a lisura da comunicação e, portanto, para a convivência democrática das minorias com a maioria.

Vale lembrar aos fundamentalistas do vernáculo, no entanto, que, a despeito dos compromissos com as raízes da comunicação, nada impede a língua de evoluir, pois, como ensinou Celso Cunha (1917-1989), “sendo uma criação da sociedade, a linguagem muda”. Mas as mudanças da língua, no entanto, não podem violar certos limites, pois devem decorrer da evolução social e, não da manipulação da palavra de modo a atender interesses espúrios.

Os letrólogos devem estar atentos para que as palavras não sejam usadas de forma irresponsável com significados diversos dos seus para confundir as pessoas em sua boa fé. Nesta perspectiva, em certo sentido, o letrólogo é guardião do vernáculo e precisa defender a língua dos salteadores, que manipulam a palavra para atingir propósitos não publicáveis, como, por exemplo, dar aspecto respeitável a teses execráveis, numa espécie de ‘lavagem literária’ em prática correlata àquela feita pelos mafiosos quando, por meio de atividades legais, tentam lavar a sujeira do dinheiro obtido por meios ilícitos.

Ele (o letrólogo) precisa saber que, de tão poderosa, a manipulação da palavra é a arma preferida de uma grande variedade de criminosos - desde aqueles que, ávidos por usurpar o poder, querem fazer o Brasil retroceder no tempo, voltando a ser uma republiqueta instável e autoritária, até aqueles que querem desnacionalizar o País, pouco ligando a quem serve a sua xenofilia, passando por aqueles que almejam o exercício do poder por outras razões e, mesmo, aqueles que fazem da manipulação da palavra o instrumento regular da sua atividade profissional como elemento auxiliar da propaganda enganosa.

Para a maioria dos formandos, a vida que hoje começa está marcada pela incerteza e, até mesmo, pelo medo - a neofobia, aquele friozinho na barriga que marca o início dos grandes momentos, como uma entrevista importante ou o primeiro encontro com a namorada (ou o namorado). Mas, não se preocupem, pois, no momento certo, mais cedo ou mais tarde, as coisas se ajeitam e, de neófitos, vocês passarão a ser os profissionais experientes, tal qual seus mestres, e, com uma ponta de nostalgia, lembrarão de hoje e do friozinho gostoso na barriga que alguns começaram a sentir agora.

A caminhada até o estágio da realização profissional quase sempre é lenta e cheia de provações, cobrando dedicação e decisões difíceis. Muitas vezes, a dureza do dia-dia chega a criar uma ilusão de impotência, como se os nossos sonhos

fossem todos inatingíveis, numa sequência de tropeços que, num processo também chamado de 'envelhecimento', leva a muitos optarem por uma vida mais simples, abandonando-os (os sonhos).

E, aí, vai mais um conselho do Patrono: "Resistam ao envelhecimento. Não esqueçam seus sonhos e os persigam com garra e determinação".

Embora muitos almejem apenas o sucesso, o valor mais importante é a felicidade - um estado de satisfação associado à conquista de alguma meta. As pessoas ficam felizes porque encontram o amor, porque conseguem comprar uma casa, porque passam num concurso... As pessoas ficam felizes por muitas razões. Assim, se tiverem sonhos factíveis, experimentarão a felicidade com maior frequência, renovando a certeza de que vale a pena viver a vida.

Isso não quer dizer que, para serem felizes, as pessoas precisem rejeitar os sonhos ousados. Não! Pelo contrário. Sem deixar de valorizar as coisas simples, elas devem alimentar os grandes sonhos - só assim terão participação ativa nas grandes mudanças. Cultivem os sonhos de mudar o mundo e de vencer na vida. Pensem grande, sem perder o realismo ou tirar simultaneamente os dois pés do chão, lutem pela conquista do Everest na certeza de que, mesmo se não alcançarem o topo, chegarão bem alto.

Não abandonem seus sonhos.

A colação de grau marca a inflexão para o início de uma nova caminhada nas nossas vidas. É chegado o momento. Vocês, meus afilhados, estão convidados a ingressar na romaria daqueles que vão mudar o mundo com novos e velhos sonhos de humanidade.

Que Deus os abençoe e os coloque no rumo da felicidade que todos merecem.

Muito obrigado e jamais esqueçam de que o importante é ser feliz.

Alexandre Santos é presidente da União Brasileira de Escritores (UBE) e da Câmara Brasileira de Desenvolvimento Cultural.

Discurso de Patrono proferido em 19 de março de 2016, em solenidade ocorrida no auditório da FOCCA- Faculdade de Olinda, no bairro do Carmo, no sítio histórico de Olinda, por ocasião da formatura da turma 2015 de graduação do curso de Letras